

# Ulysses tem pressa em redigir a Carta

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

"O País não pode ficar assim." O desabafo é do deputado Ulysses Guimarães, para quem a protelação dos trabalhos constituintes envolve sérios riscos para a estabilidade política, a paz social e a realidade econômica. Ele reconhece que o governo do presidente José Sarney é o maior prejudicado, impossibilitado de desenvolver uma ação continuada e eficaz por conta da falta de definições constitucionais e da própria existência da Constituinte, mas estende o fenômeno para as demais instituições. O PMDB está sendo prejudicado, para não falar das atividades econômicas.

Em suas palavras, durante conversa informal com o repórter, antes de embarcar para Nova York, sexta-feira à noite, o presidente da Assembleia Nacional Constituinte comentou a intenção de acelerar ao máximo os trabalhos, a partir de 4 de janeiro. Não houve acordo entre o Centrão e os demais grupos. Assim, na tarde daquele dia, colocará em votação final as mudanças do regimento interno, pretendendo que um ou dois dias depois comece a correr o prazo para a apresentação de emendas ao projeto da Comissão de Sistematização. Não vê como não se possa, com disposição e boa vontade, promulgar a Constituição no final de fevereiro ou princípios de março. É claro, se as forças constituintes lançarem-se à obstrução, esse prazo se dilatará de muito, mas o importante é que todos se conscientizem de que o País não agüenta mais. Importa chegar logo a um texto constitucional capaz de exprimir a maioria das tendências, mesmo que todos precisem ceder um pouco. Ou muito.

Ulysses não poupa críticas ao Centrão, apontando-o como responsável pela ausência de acordo, esta semana, em Brasília. Foram os líderes do grupo que lhe pediram para marcar uma reunião "definitiva", na manhã de quinta-feira. Estava esperançoso, surpreendeu-se quando vieram pedir para desmarcá-la. Disseram que Roberto Cardoso Alves estava viajando, assim como Ricardo Fúza. Ora, se iam viajar, por que pediram a reunião?

Acredita que o recesso da Constituinte será salutar aos deputados e senadores, especialmente do Centrão. Não porque venham a dispor de tempo para descansar, mas, precisamente, pelo contrário. Em seus estados, eles não deixarão de ouvir suas bases. E elas, com toda certeza, irão pressioná-los para terminar logo a tarefa constituinte, transmitindo, também, anseios de mudanças e de reformas. Nada melhor, para o parlamentar paulista, "do que um banho de povo" para agilizar e atenuar decisões políticas.

Uma observação de Ulysses refere-se às críticas que o PMDB tem recebido por não estar atuando como um todo, nos trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte. "Nem poderia", ele acentua. A emenda

da 26 e, mais do que ela, a tradição constituinte, determinam que cada parlamentar é livre e soberano para agir como bem entender. Não há fidelidade partidária na elaboração de uma constituição, comportando-se cada parlamentar exclusivamente de acordo com sua consciência. Por isso, de nada adiantaria mobilizar as estruturas do PMDB, que contém em seus quadros gente de todas as tendências. Uma vez concluídos os trabalhos e promulgada a nova Carta, tudo voltará aos eixos normais, e o maior partido nacional voltará a seguir uma linha uniforme. Sempre haverá defeições e pequenas dissidências, mas não há como imaginar uma ação partidária ordenada em meto à elaboração constitucional.

Acredita que o parlamentarismo será derrotado, restabelecendo-se o presidencialismo no projeto final. Não tem certeza da tendência referente ao tempo de mandato do presidente José Sarney. Poderá ficar em quatro anos, poderá indicar os cinco. Essa decisão, uma das últimas a ser adotada, dependerá de muitos fatores, inclusive a conjuntura do momento da votação. De qualquer maneira, o PMDB estará pronto para participar do processo eleitoral, se ele for marcado para 1988.

Ulysses Guimarães nem precisa dizer que é candidato à sucessão de Sarney. É. Não teria como evitar o lançamento de seu nome na convenção que for convocada para escolher os candidatos, mesmo se quisesse. Quem não gostaria de presidir o seu país? Só faz uma ressalva: a convenção decidirá democraticamente. Todos os interessados em disputar a indicação devem fazê-lo, sem constringimento. Vencerá o que dispuser de maior apoio.

No âmbito partidário, tem lido que Franco Montoro se lançou. Não acredita que Orestes Quércia se apresente, se as eleições forem realizadas no ano que vem. Para 1989, é outra coisa. Nos outros partidos, sente que Antônio Ermírio de Moraes é candidato mesmo, agindo em função de sua candidatura 24 horas por dia. Aureliano Chaves estará no páreo. Não vê muitas chances de vitória para Luis Inácio da Silva, já lançado, devendo o líder trabalhista promover, em âmbito nacional, aquilo que fez com eficiência nas eleições para o governo de São Paulo, em 1982: obteve o crescimento e uma espécie de aglutinação do PT, plantando para o futuro. O candidato que identifica como dos mais perigosos é Leonel Brizola. Falta-lhe, no entanto, estrutura partidária. O povo decidirá, como sempre, sabiamente.

O importante, para Ulysses, é que o futuro presidente da República se apresente a partir de um programa, de um elenco de metas em condições de exprimir o pensamento majoritário de seu partido e da sociedade. A hora não é de homens salvadores, de messias ou de magos. A força do conjunto será sempre maior do que a força das partes.